

SÔBRE A ALEMANHA

- G. BADIA, *Histoire de l'Allemagne contemporaine (1917-1962)*, 2 vol., Paris, Edit. Sociales, 1962.
- C. BETTELHEIM, *L'économie allemande sous le nazisme*, Paris, Rivière, 1946.
- A. DAUPHIN-MEUNIER, *L'économie allemande contemporaine*, Paris, Sorlot, 1942.

* OBRAS TEÓRICAS SÔBRE AS FLUTUAÇÕES E OS CICLOS

- Henri GUITTON, *Les fluctuations économiques*, Paris, Sirey, 1951.
- G. HABERLER, *Prosperité et dépression*, Genève, S. D. N., 1943.
- W. FELLNER, *Trends and cycles in Economic Activity*, Nova Iorque, Holt, 1956.
- J. A. ESTEY, *Business cycles*, Prentice Hall, 3.^a ed., 1956.
- A. H. HANSEN, *Fiscal Policy and Business cycles*, Nova Iorque, Norton, 1941.
- Readings in Business Cycle Theory*, Londres, Allen and Unwin, 1950.
- Business Fluctuations growth and Economic stabilization. A Reader*, editado por J.-J. CLARK e MORRIS COHEN, Nova Iorque, Random House, 1963.

SÔBRE A EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS INTERNACIONAIS

- Royal Institute of International Affairs, *The Problem of International Investment*, Oxford University Press, 1937.
- S. D. N., *Le réseau du commerce mondial*, Genebra, 1942.
- S. D. N., *Industrialisation et commerce extérieur*, Genebra, 1945.
- W. S. WOYTINSKY e E. S. WOYTINSKY, *World Commerce and Governments*, Nova Iorque, The Twentieth Century Fund, 1955.
- N. S. BUCHANAN e F. LUTZ, *Rebuilding the world Economy*, Nova Iorque, The Twentieth Century Fund, 1947.
- P. T. ELLSWORTH, *The International Economy*, Nova Iorque, Macmillan, 1950.

TÍTULO TERCEIRO

A EVOLUÇÃO DO SISTEMA
MONETÁRIO INTERNACIONAL

— *Les comptes de la nation (1949-1959)*.

J. M. JEANNENEY, *Forces et faiblesses de l'économie française*, A. Colin.

François WALTER, *Recherches sur le développement économique de la France (1900-1955)*, Cahiers de l'I. S. E. A., n.º 52, março de 1957.

— *Rapports annuels de l'O. C. D. E. sur la situation économique de la France*.

No que concerne à planificação, devem ler-se os textos dos planos publicados no *Journal officiel*.

François PERRONX, *Le IV^e Plan français (1962-1965)*, "Que sais-je?", n.º 1021, Presses Universitaires de France, 1962.

— *Les techniques quantitatives de la planification*, Presses Universitaires de France, 1965.

Pierre MASSÉ, *Le Plan ou l'anti-basard*, Gallimard, 1965.

Pierre BAUCHET, *La planification française*, Le Seuil, 1962.

Jean BÉNARD, *La programmation économique nationale à moyen et long termes dans les pays industrialisés*, curso ministrado no Centre d'Etudes des Programmes économiques, 1960-1961.

Maurice NIVEAU, *La planification indicative en France et l'équilibre des paiements extérieurs*, *Economie appliquée*, n.ºs 1-2, janeiro-junho de 1962.

— *Politique économique et croissance*, *Economie appliquée*, outubro-dezembro de 1961.

Pierre DROUIN, *L'Europe du Marché Commum*, Julliard, 1963.

Paul-Marie de LA GORCE, *La France pauvre*, Grasset, 1965.

CAPÍTULO II

O CRESCIMENTO ECONÔMICO DOS PAÍSES OCIDENTAIS

A HISTÓRIA ECONÔMICA após o fim do período de reconstrução — isto é, a partir de 1950 — é muitíssimo diferente daquela que se desenrolou no curso do período entre as duas guerras. Os países capitalistas industrializados conheceram, há mais de 15 anos, um ritmo de crescimento rapidíssimo, e os períodos de recessão registrados fogem à craveira dos movimentos cíclicos do século XIX e da depressão catastrófica da década de trinta. A aceleração do crescimento e a redução da amplitude das flutuações são as duas características essenciais do desenvolvimento econômico posterior à guerra. Os países da Europa ocidental constituíram-se nos grande beneficiários dessa melhoria e as recessões foram apenas assinaladas por uma diminuição e não por uma inversão de tendência. Na maioria dos países ocidentais, os índices anuais da produção total e da produção industrial continuam a crescer — embora menos depressa — durante as recessões de 1951-1952 e de 1958. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha são exceção, mas a amplitude da inversão é fraquíssima em relação à que se conheceu no passado⁽²⁴⁸⁾.

SEÇÃO I. — O ritmo do crescimento

Os relatórios da O. C. D. E. e da O. N. U. constituem um manancial de informações sobre a história do crescimento e do desenvolvimento desde o fim da guerra. Entretanto, nós nos apoiaremos principalmente sobre o trabalho fundamental de Angus Maddison⁽²⁴⁹⁾ para analisar as fases principais do crescimento econômico dos países capitalistas.

(248) Veja os gráficos 22, 23 e 24.

(249) *Economic growth in the West, Comparative Experience in Europe and North America*, Londres, Allen and Unwin, 1964.

Ao passo que de 1913 a 1950 as taxas de crescimento médias anuais diminuíram sob a influência de duas guerras mundiais e da depressão de 1929-1933, aumentaram de maneira sensível a partir de 1950, não somente em relação ao período de 1913-1950 mas também em relação ao período de 1870-1913. O exame do quadro I revela algumas mudanças notórias: os Estados Unidos e o Canadá chegam à frente dos países capitalistas com taxas de 4,3% e 3,8% nos últimos decênios do século XIX e antes de 1914; conservam o primeiro lugar com 2,9 e 2,8% entre 1913 e 1950. A economia desses dois países foi beneficiada pelo esforço de produção ligado às duas guerras mundiais, ao contrário do que aconteceu aos países da Europa.

A partir de 1950, inverte-se a situação: de 1950 a 1960, só a Bélgica e a Grã-Bretanha têm uma taxa de crescimento médio anual inferior à dos Estados Unidos, que se colocam em 9.º lugar na corrida do crescimento. É verdade que o período foi assinalado por esforços de reconstrução e organização, que criaram ocasiões de investimentos e aceleraram o crescimento. De 1956 a 1961, certos países acusam ligeira diminuição mas a Dinamarca, a Itália, a Suécia e a Suíça são beneficiadas por um crescimento acelerado em relação a 1950-1960. Distinguem-se nitidamente, após o fim da guerra, dois grupos de países: um de crescimento rápido, outro de crescimento fraco e de aumento mais sensível às recessões. A Alemanha Federal e a Itália chegam à frente do primeiro grupo, mas a classificação não é a mesma nos dois períodos examinados. No curso do decênio de 1950-1960, a classificação é a seguinte: a Alemanha está à frente com 7,6%, seguida da Itália com 5,9%; vêm, a seguir pela ordem: a Suíça, 5,1%; os Países-Baixos, 4,9%; a França, 4,4%; o Canadá, 3,9%; a Noruega, 3,5%; a Dinamarca e a Suécia, 3,3%; os Estados Unidos, 3,2%; a Bélgica, 2,9%; e a Grã-Bretanha, 2,6%. Entre 1956 e 1961, a Itália passa para o primeiro lugar, seguida da Alemanha, da Suíça e da Dinamarca. A França conserva o quinto lugar depois de haver ultrapassado os Países-Baixos, e a Dinamarca passa para o terceiro lugar. Ao lado desses países de crescimento rápido, os Estados Unidos, o Canadá, a Bélgica e a Grã-Bretanha apresentam taxas relativamente fracas e inferiores à média global. Entre 1956 e 1961, sua taxa de crescimento médio anual é inferior ao nível atingido entre 1870 e 1913. Entretanto, tais países escaparam, como os do primeiro grupo, às depressões de caráter catastrófico. É a grande novidade do período que se seguiu à guerra.

Esses resultados foram obtidos com populações totais em pleno aumento e populações ativas relativamente estáveis, salvo

QUADRO I

Taxa de crescimento do produto interno bruto
(Em %)

	1870-1913	1913-1950	1950-1960	1956-1961
Bélgica	2,7	1	2,9	2,5
Dinamarca	3,2	2,1	3,3	5
França	1,6	0,7	4,4	4,2
Alemanha	2,9	1,2	7,6	5,9
Itália	1,4	1,3	5,9	6,7
Países-Baixos ..	2,2	2,1	4,9	3,9
Noruega	2,2	2,7	3,5	3,4
Suécia	3	2,2	3,3	4
Suíça	2,4	2	5,1	5,2
Grã-Bretanha ...	2,2	1,7	2,6	2,1
Canadá	3,8	2,8	3,9	1,8
Estados Unidos .	4,3	2,9	3,2	2,3
Média global .	2,7	1,9	4,2	3,9

Fonte: Angus MADDISON, *Economic growth in the west*, Londres, Allen and Unwin, 1964, p. 28.

na Alemanha ocidental, por causa da oferta de trabalho dos refugiados do Leste. O desenvolvimento industrial acarretou, portanto, em certos países, uma diminuição da população ativa empregada na agricultura mas resultou, em parte, do aumento da produtividade. A taxa de aumento da produtividade, para os 12

QUADRO II

Produtividade
(Taxa de crescimento da produção total por homem-hora)

	1870-1913	1913-1950	1950-1960
Bélgica	2	1,4	2,5
Dinamarca	2,6	1,5	2,9
França	1,8	1,6	3,9
Alemanha	2,1	0,9	6
Itália	1,2	1,9	4,1
Países-Baixos ..	1,1	1,1	3,7
Noruega	1,8	2,4	3,9
Suécia	2,7	2	3,5
Suíça	1,6	1,9	4,2
Grã-Bretanha ...	1,5	1,7	2
Canadá	2,1	2,1	2,5
Estados Unidos ..	2,4	2,4	2,4
Média global ..	1,9	1,7	3,5

Fonte: Angus MADDISON, *op. cit.*, p. 37.

países ocidentais estudados, passou de 1,9% para o período de 1870-1913, para 1,7% de 1913 a 1950 e para 3,5% de 1950 a 1960. É notável que a taxa de crescimento da produtividade norte-americana tenha permanecido constante a 2,4% no curso dos três períodos examinados (quadro II). Os países europeus, exceto a Grã-Bretanha e a Bélgica, tiveram um aumento de produtividade mais rápido que os Estados Unidos. A tendência, portanto, é a mesma na evolução do crescimento da produção e da produtividade. Cumpre não confundir as taxas de crescimento com os valores absolutos. A produtividade da indústria norte-americana ainda é muito superior à da indústria européia, sendo as economias de escala a causa dessa superioridade.

Notemos, enfim, que a evolução da produção *per capita*, de 1950 a 1960, confirma os resultados obtidos no ritmo de crescimento da produção total: vamos encontrar à frente, a Alemanha

QUADRO III

Taxa de crescimento da produção *per capita*

	1870-1913	1913-1950	1950-1960
Bélgica	1,7	0,7	2,3
Dinamarca	2,1	1,1	2,6
França	1,4	0,7	3,5
Alemanha	1,8	0,4	6,5
Itália	0,7	0,6	5,3
Países-Baixos	0,8	0,7	3,6
Noruega	1,4	1,9	2,6
Suécia	2,3	1,6	2,6
Suíça	1,3	1,5	3,7
Grã-Bretanha	1,3	1,3	2,2
Canadá	2	1,3	1,2
Estados Unidos	2,2	1,7	1,6
Média global	1,6	1,1	3,1

Fonte: Angus MADDISON, *op. cit.*, p. 37.

nha e a Itália, ao passo que os quatro últimos países são, pela ordem: a Bélgica, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Canadá. Todavia, a Grã-Bretanha e a Bélgica, com um aumento de 2,2% e 2,3% não estão muito longe da média européia e têm em comum, com os países da Europa, o fato de nunca terem sido beneficiados, no passado, por uma taxa de crescimento da produção *per capita* tão importante. Ao contrário, os Estados Unidos e o Canadá conheceram, no fim do século XIX até 1950, um crescimento *per capita* maior do que entre 1950 e 1960 (cf. quadro III).

SEÇÃO II. — As transformações estruturais

No processo de crescimento, a estrutura das economias nacionais transforma-se. A noção de “desenvolvimento” inclui, ao mesmo tempo, os mecanismos de crescimento do produto e suas conseqüências sobre o ambiente econômico-social. “O que cresce muda ao crescer” (François Perroux). Ora, essa mudança está ligada à industrialização:

“Cada vez que a renda por habitante acusou tendência prolongada para a alta, a parte da indústria no produto nacional aumentou sensivelmente. Constata-se que essa parte passou de menos de um quarto nos primeiros tempos da industrialização para 40% ou mais, recentemente... A expansão econômica funda-se na aptidão crescente do homem para transformar os recursos nacionais em produtos úteis, e a industrialização representa a fase mais adiantada dessa evolução”⁽²⁵⁰⁾.

Enquanto a produção industrial só representa a quarta parte do produto total dos países subdesenvolvidos, atinge, em média, a metade do produto total dos países ricos (quadro IV).

QUADRO IV

Estrutura do produto interno bruto
Médias dos países agrupados por níveis de renda individual
(1950-1959)

	Produção primária (a)	Indústria	Serviços	Total
I. — Países subdesenvolvidos:				
Menos de 25 dólares	47	20	33	100
De 125 a 249 —	40	25	35	100
De 250 a 374 —	30	25	45	100
375 dólares e acima	27	27	46	100
II. — Países industrializados (b):				
A renda industrial ultrapassa 800 dólares	13	50	37	100

Fonte: O. N. U., *Etude sur l'économie mondiale*, 1961, p. 15.

(a) Agricultura e indústrias extrativas.

(b) Esse grupo de países compreende: a Bélgica, o Canadá, a Dinamarca, os Estados Unidos, a França, a Noruega, os Países-Baixos, a Alemanha Ocidental, a Grã-Bretanha; a Suécia não figura na lista por falta de dados.

(250) O. N. U., *Etude sur l'économie mondiale*, 1961, p. 63.

QUADRO V

Estrutura da população ativa em 1960 de acôrdo com os níveis de renda individual

	(a) primário Setor	Setor secundário (indústria)	Setor terciário (serviços)	Total
I. — Países subdesenvolvidos:				
Menos de 25 dólares ...	69	13	18	100
De 125 a 249 —	64	16	20	100
De 250 a 374 —	50	21	29	100
375 dólares e acima	31	29	40	100
II. — Países industrializados:				
Mais de 800 dólares	19	44	37	100

Fonte: O. N. U., *Etude sur l'économie mondiale*, 1961, p. 18.

(a) Agricultura e indústrias extrativas.

Ao contrário, a população ativa agrícola é tanto mais importante quanto mais pobre é o país (quadro V).

Em todos os países industriais a produção agrícola cresceu menos depressa do que a produção manufatureira. As taxas anuais de crescimento da agricultura variavam de 1,5 a 3,5% no máximo, entre 1950 e 1960. A parte da produção manufatureira no produto interno aumentou, ao passo que a parte da agricultura diminuiu. O crescimento relativo da produção manufatureira foi tanto mais acentuado quanto foi mais forte o crescimento dos países considerados. Tal é o caso da Alemanha e da Itália (cf. quadro VI). Esta evolução é acompanhada de um aumento de volume da produção agrícola e de um acréscimo

QUADRO VI

Modificação da distribuição, por setor econômico, do produto interno bruto de 1950 a 1960

	Agricultura	Indústrias manufatureiras
Japão	-8,2	
Alemanha federal	-3,7	9,3
Itália	-7,8	8,7
Países-Baixos	-2,2	2,8
França	-2,3	2,4
Bélgica	-1,2	3,1
Grã-Bretanha	-0,2	3
Estados Unidos	-0,6	1

Fonte: O. N. U., *Etude sur l'économie mondiale*, 1961, p. 66.

QUADRO VII

Taxa de crescimento da produção "per capita" (1950-1960)

	Agricultura	Indústria	Serviços	Total
Bélgica	5,3	3,5	1,1	2,5
Dinamarca	5,2			2,3
França	5,5	4	2	3,9
Alemanha	5,9	5,7	2,7	5,3
Itália	4,1	5	1,5	4,1
Países-Baixos	5,8	4,4	2,5	3,7
Noruega	3,4	2,9	2,6	3,2
Grã-Bretanha	4,1	2,1	1,6	1,9
Canadá	4,8	1,7	0,4	2
Estados Unidos	4,4	2,2	1,2	2,1

Fonte: Angus MADDISON, *op. cit.*, p. 64.

mo importante da produtividade na agricultura. De 1950 a 1960 a elevação da produtividade agrícola foi, geralmente, mais importante do que a elevação da produtividade industrial (quadro VII). A diferença resulta de uma adaptação estrutural satisfatória no desenvolvimento econômico. A difusão do progresso técnico na exploração do solo permite produzir mais com mão-de-obra menos abundante. A absorção da mão-de-obra, que assim se torna disponível, efetua-se nos setores secundário e terciário. A estrutura do produto nacional é modificada por esse fato: a parte da produção primária diminui em proveito da produção industrial e dos serviços (quadro VIII). A importância do setor agrícola na Alemanha, na França, na Itália e nos Países-Baixos constituiu fator de adaptação estrutural favorável ao ritmo do crescimento. A agricultura foi um verdadeiro reservatório de mão-de-obra e o dinamismo do crescimento permitiu melhor utilização do fator trabalho nos setores secundário e terciário. A Grã-Bretanha e a Bélgica não foram beneficiadas por esse movimento da população ativa agrícola em virtude da fraca participação da agricultura em sua economia nacional. As tensões sobre o mercado de trabalho acharam-se, por isso, acrescentadas no decurso das fases de pleno emprego e juntaram-se aos demais fatores inflacionários.

As relações de dimensão também se modificaram no seio da economia mundial. Os Estados Unidos conservam com grande vantagem o primeiro lugar, mas sua importância relativa declina em proveito da Europa ocidental. Em 1950, a produção manufatureira dos Estados Unidos representa 51,2% da produção mundial, em confronto com 43,8% em 1960. Entre essas duas datas

*Dr. Augusto
de
EUA*

QUADRO VIII

Estrutura do produto interno bruto

	Grã-Bretanha		Bélgica		França	
	1950	1960	1950	1960	1950	1960
<i>Setor primário:</i>						
Agricultura, florestas, pesca	6	4	9	7	16	10
<i>Setor secundário</i>	48	48	48	49	47	46
<i>Setor terciário</i>	46	48	43	44	37	44
	100	100	100	100	100	100

	Alemanha		Itália		Países-Baixos	
	1950	1960	1950	1960	1950	1960
<i>Setor primário:</i>						
Agricultura, florestas, pesca	10	6	28	17	13	9
<i>Setor secundário</i>	50	54	37	42	39	43
<i>Setor terciário</i>	40	40	35	41	48	48
	100	100	100	100	100	100

Fonte: A. LAMFALUSSY, *The United Kingdom and the Six*, Londres, Macmillan, 1963, p. 22.

a parte das exportações norte-americanas de produtos manufaturados nas exportações mundiais dos mesmos produtos passou de 21,7% para 18,7%; a da Grã-Bretanha, de 21,9% para 14%, enquanto a parte da Alemanha federal aumentava de 6,1% para 16,9%.

A parte da Europa ocidental no total das exportações mundiais, que era de 45% entre 1920 e 1939 e de 35% entre 1948 e 1950, elevou-se para 38% em 1953 e para 46,5% em 1961. Essa ressubida em relação aos Estados Unidos explica-se, ao mesmo tempo, pelo ritmo de crescimento mais rápido mas também pelas conseqüências da reconstrução. Os Estados Unidos, com efeito, ganharam terreno em relação aos países europeus em resultado do desmoronamento causado pela Segunda Guerra Mundial. A Europa, portanto, partiu de um nível de produção relativamente fraco logo depois da guerra. Em 1950, a reconstrução estava apenas concluída e a progressão de 1950 a 1960, por isso mesmo, parece ainda mais espetacular, pelo menos para a Alemanha Ocidental.

Outro traço característico dessa evolução é o avanço realizado pelos seis países do Mercado Comum em relação à Grã-

-Bretanha e aos países associados à Grã-Bretanha na "zona de livre-câmbio". Em 1953, as exportações dos Seis representavam 19% das exportações mundiais; em 1961, representam 28,5% das exportações mundiais. Os países membros da "zona de livre-câmbio", incluindo a Grã-Bretanha, conservaram a mesma parte das exportações mundiais — ou seja, 16% — entre 1953 e 1961 (a zona de livre-câmbio compreende: a Grã-Bretanha, os três países escandinavos, a Suíça, a Áustria e Portugal).

SEÇÃO III. — A redução das flutuações

O crescimento dos países ocidentais a partir do fim da última guerra é surpreendente pela amplitude e pela duração. Nunca haviam os países capitalistas conhecido tão longo período de prosperidade. As paralisações — as recessões — foram pouco profundas e muito breves, mormente na Europa. Ao passo que se tinha o hábito de dizer antes da guerra que "a economia europeia apanhava uma pneumonia quando os Estados Unidos espirravam", a recessão norte-americana de 1954 não

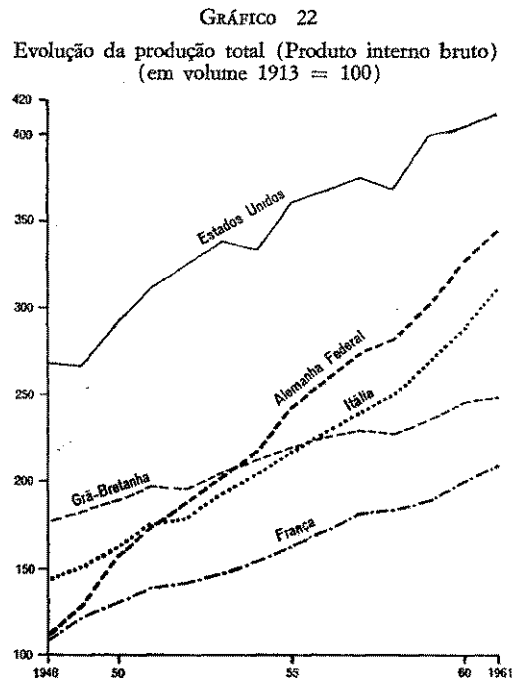
QUADRO IX

	1938	1950	1960
I. — Parte nas produções mundiais de artigos manufaturados:			
Estados Unidos	35,7	51,2	43,8
Grã-Bretanha	11,1	8,9	7,5
Alemanha federal	10,6	5,8	9,1
França	6,2	4,3	4,9
Itália	2,8	2	2,9
Japão	4,2	1,3	4,3
Conjunto de 16 países industriais	81,3	84,4	82,5
II. — Parte nas exportações mundiais de artigos manufaturados:			
Estados Unidos	17,1	21,7	18,7
Grã-Bretanha	17,1	21,9	14
Alemanha federal	19	6,1	16,9
França	5,4	8,3	8,5
Itália	3	3,2	4,6
Japão	5,1	3,2	6,1
Conjunto de 12 países industriais		86,2	91,7

Fonte: O. N. U., *Etude sur l'économie mondiale*, 1961, p. 67.

teve nenhuma influência sensível sobre a Europa. Isso ressalta nitidamente do exame dos gráficos 22 e 24. A análise cíclica tradicional parece perturbada pela experiência dos vinte últimos anos. A marcha do crescimento, a partir do fim da guerra, é a de uma longa expansão, mais ou menos rápida, cortada por algumas recessões "menores" em 1949, 1951, 1952 e 1953 para a Europa e para os Estados Unidos. A recessão de 1954 foi exclusivamente norte-americana.

Houve quatro recessões nos Estados Unidos depois do fim da guerra, que acarretaram ligeira redução do produto nacional. Elas situam-se em 1949, 1954, 1958 e 1960-1961. As inversões de tendência foram extremamente fracas ou inexistentes, se medidas por uma base anual. São mais acentuadas nas estimações trimestrais da produção. A duração dos períodos de expansão foi muito mais longa que a duração dos períodos de depressão. De 1945 a 1961, a duração total dos períodos de expansão foi

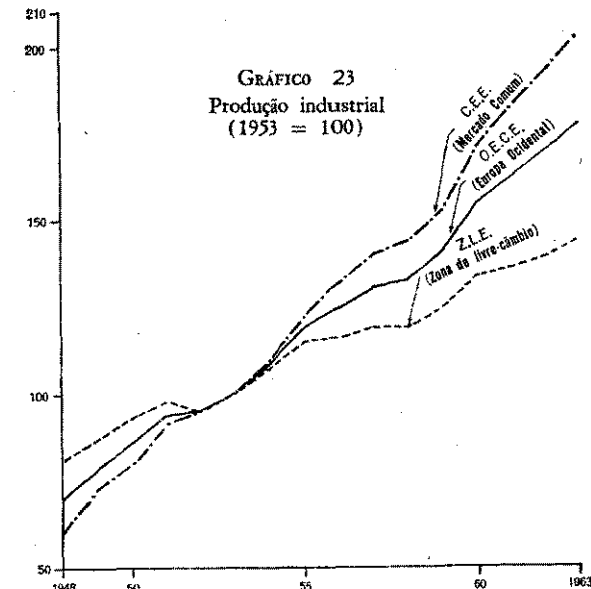


Fonte: Angus MADDISON, *Economic growth in the west*, Londres, Allen and Unwin, 1964, p. 202.

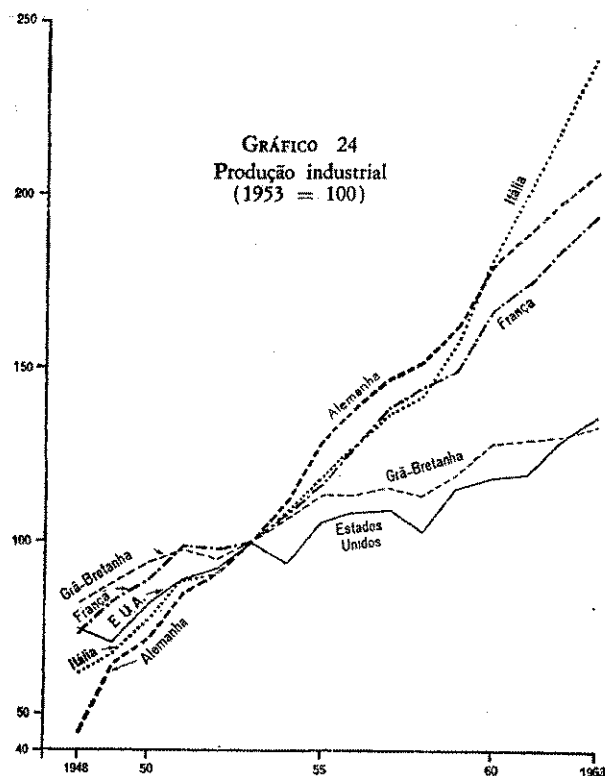
de cerca de 49 trimestres, em confronto com os 14 trimestres dos períodos de recessão⁽²⁵¹⁾.

A duração média das recessões foi maior nos Estados Unidos do que na maioria dos países europeus. No entanto, é a Grã-Bretanha que chega à frente, com média superior a 7 trimestres, seguida dos Estados Unidos com 4,7 e da Bélgica e do Canadá com 4,5. A Alemanha, que está à testa dos países ocidentais no que se refere ao ritmo de crescimento, revela igualmente o melhor recorde em termos de redução das flutuações: do fim da guerra a 1961, a duração média dos períodos de recessão que ela conheceu é somente de 1 trimestre, ao passo que a duração média dos períodos de expansão é de 18,5 trimestres. Os países que tiveram o crescimento mais vigoroso foram beneficiados pela expansão mais longa.

No conjunto, o desemprego foi extremamente fraco. De 1950 a 1960, a média anual do número dos desempregados atingiu 4,5% da população ativa nos Estados Unidos, 2,5% na Grã-



(251) Veja J. MARCZEWSKI, *La conjoncture économique des Etats-Unis (1950-1960)*. Cahiers de P. I. S. E. A., n.º 117, setembro de 1961, p. 10-11.



Fonte: O. C. D. E., *Bulletins statistiques*.

-Bretanha, 4,1% na Alemanha, 1,3% na França. A parte a Suíça, a França é o país ocidental onde o desemprego foi mais fraco. Essas médias anuais se modificam quando limitadas ao período de 1958-1960; a média norte-americana passa para 5,8% e a da Grã-Bretanha, para 2,9%. Em compensação, a Alemanha reduziu sua percentagem de desempregados de 4,1% para 1,8%. Isso se explica em grande parte pela sustação do fluxo de refugiados do Leste e, portanto, pela estabilização da oferta de trabalho. A importância relativa do desemprego foi, pois, fraquíssima e em vários países — sobretudo na França e na Grã-Bretanha — houve escassez de mão-de-obra. As tensões sobre o mercado de trabalho foram os fatores da inflação e da alta de preços.

QUADRO X

Amplitude e duração das flutuações da produção industrial (1946-1961)

	Recessões		Expansões	
	Amplitude (a)	Duração em trimestres	Amplitude (a)	Duração em trimestres
Áustria	-3,5	4,5	62,7	16
Bélgica	-8,6	3	16,4	12,5
Dinamarca	-5,1	4	21,4	14,5
França	-3	3	39,1	15
Alemanha	-1	1	92	18,5
Itália	-2,2	1,3	47,6	17
Países-Baixos	-4,2	2,3	31,5	14,5
Noruega	-3,7	2,7	30,2	13,5
Suécia	-4,7	4,5	16,3	15,5
Grã-Bretanha	-4,8	7,5	18	12,5
Estados Unidos	-9,3	4,7	22,4	12,5

Fonte: A. MADDISON, *Economic growth in the West*, p. 48.

(a) Variações, expressas em percentagem, do índice trimestral da produção industrial entre o ápice e o fundo da recessão.

Enquanto a deflação e o desemprego constituíram o grande problema econômico da década de trinta, a inflação e a alta dos preços foram as principais dificuldades encontradas pelas economias ocidentais entre 1950 e 1960. Os desequilíbrios externos que acompanham freqüentemente a inflação obrigaram certos governos a adotar políticas "de expansão sadia" ou de "crescimento equilibrado". Como lograr uma taxa máxima de crescimento compatível com preços estáveis e um balanço de pagamentos equilibrado? Tal foi o "triângulo mágico" em que grande número de governos cuidou ver a quadratura do círculo.

SEÇÃO IV. — As causas do crescimento

No *Estudo sobre a situação econômica da Europa em 1949*, os peritos da O. N. U. fizeram previsões sobre o crescimento da economia européia para o decênio de 1949-1959. Calculavam eles, então, que, no curso dos dez anos seguintes, a produção industrial aumentaria de 40 a 60%. De fato, o aumento de 40% era alcançado em 1954, o de 50% em 1955 e o de 60% em 1956. Quais foram as causas principais desse crescimento, que é preciso julgar excepcional se levarmos em consideração os ensina-

mentos da história econômica desde os primórdios da industrialização? Essas causas são numerosas e não é possível medir-lhes o alcance exato nos mecanismos da expansão e do desenvolvimento. Pertencem, de um lado, ao domínio da política econômica e do conhecimento dos mecanismos fundamentais e, de outro, a alguns dados essenciais do ambiente econômico depois da guerra.

1.º A reconstrução econômica — que descreveremos ulteriormente — foi alcançada. O esforço de cooperação internacional de 1945 a 1950 pôs em movimento novos meios de ação, que permitiram à Europa ocidental sair rapidamente de suas ruínas. Depois de algumas hesitações, a adoção do plano Marshall dava aos países devastados os meios de conseguirem, gratuitamente, os recursos necessários à sua reconstrução. O sistema multilateral dessa ajuda gratuita foi um fator suplementar de sucesso. O esforço da O. E. C. E. no sentido de organizar os pagamentos intra-europeus numa base multilateral foi facilitado pelo auxílio norte-americano. A reconstrução das economias nacionais pôde apoiar-se no desenvolvimento das trocas intra-europeias. A política de liberalização progressiva das trocas produziu frutos entre 1950 e 1958. Países como a França adaptaram-se, pouco a pouco, a uma concorrência internacional mais intensa, capaz de incrementar os investimentos produtivos e, portanto, de melhorar a produtividade. As estruturas econômicas foram, por isso, transformadas, mas também as estruturas mentais dos agentes econômicos e, em particular, dos chefes de empresas. As economias industriais demasiado protegidas esclerosam-se rapidamente: a França teve experiência disso desde o fim do século XIX até a Segunda Guerra Mundial.

O retorno ao comércio multilateral sem restrições quantitativas foi concluído na Europa pela integração empreendida no quadro do Mercado Comum. Todavia, os resultados espetaculares dos Seis na corrida do crescimento e o desenvolvimento das trocas internacionais não poderiam ser exclusivamente imputados ao abaixamento das barreiras alfandegárias e à cooperação econômica prevista no tratado de Roma. O crescimento notável da Alemanha, da Itália, dos Países-Baixos e da França começou muito antes de 1958. Com efeito, o sucesso das primeiras etapas do Mercado Comum, transpostas em ritmo de corrida, tem por causa principal não um “milagre” qualquer da integração mas o crescimento anterior dos países membros.

2.º Ao lado da política de cooperação internacional, as políticas econômicas nacionais desempenharam papel importante no

crescimento e no desenvolvimento. A crise de 1929 e os imperativos da economia de guerra obrigaram os governos a intervir cada vez mais na atividade econômica. Não aludimos aqui ao “dirigismo” que a maioria dos beligerantes precisou adotar durante a guerra a fim de destinar ao setor militar os recursos indispensáveis ao esforço de guerra. Encaramos o conjunto dos meios de ação da política econômica contemporânea cuja importância acabou modificando os dados tradicionais de um capitalismo que se denominava de bom grado “liberal”. Essa ação do Estado depende, primeiro, da importância do setor público e, segundo, da diversidade dos meios de intervenção.

As despesas públicas na França representavam 9% do produto nacional bruto em 1913, 21% em 1938, e 23,5% em 1962. De 1926 a 1929, o orçamento calculado em francos constantes foi multiplicado por 4,5 e a renda nacional por 1,7⁽²⁵²⁾. Nenhum país escapou a essa evolução e o governo tem, por conseguinte, a possibilidade de agir diretamente sobre a procura global, através de suas despesas de consumo e investimento.

Os progressos da ciência econômica, tanto no que concerne ao conhecimento dos mecanismos fundamentais quanto nos instrumentos de medida, são preciosos auxiliares para os responsáveis pela política econômica. Os estudos de previsão, as contabilidades nacionais permitem aos governos que a desejem uma orientação melhor da conjuntura. Entretanto, não é possível concluir que os países ocidentais, que tentaram planificar seu desenvolvimento a curto e médio prazos, tenham alcançado os melhores resultados. O liberalismo apregoado pela Alemanha ocidental não excluiu os incentivos do Estado ao setor privado e as intervenções mais diversas. O governo alemão não se contentou apenas com os meios de ação globais da política monetária e fiscal. Quanto à Grã-Bretanha, que se classifica nos últimos lugares da corrida do crescimento, será, porventura, a ausência de uma política econômica seletiva que explica esse atraso? A resposta deve ser em parte afirmativa, mas cumpre ajuntar o efeito das políticas deflacionárias que visam a salvar a estabilidade da taxa de câmbio e, portanto, o papel internacional do esterlino. A Grã-Bretanha continua defendendo, desde 1925, através dos governos conservadores e trabalhistas, e à custa da retardação da atividade econômica, o estatuto de divisa-chave da libra esterlina. Em conjunto, o problema essen-

(252) P. e M. MAILLET, *Le secteur public en France*, Presses Universitaires de France, 1964, p. 12, “Que sais-je?”, n.º 1131.

cial dos anos de 1945-1958 foi o da inflação. Todos os governos tiveram a preocupação de manter o pleno emprego e a expansão, apesar do risco de criarem tensões inflacionárias capazes de acarretar elevações de preços e um desequilíbrio dos pagamentos externos. A parte a Alemanha Federal, a maioria dos outros países, entre os quais a França e a Grã-Bretanha, conheceu deficits externos graves, em consequência de um período de expansão inflacionária: tal foi o caso em 1951 e em 1956-1957. A incompatibilidade entre o crescimento interno e o equilíbrio externo é um velho problema que nada perdeu de sua atualidade. Revela-se particularmente agudo em período de pleno emprego dos recursos, quando a procura global se revela excedente em relação à capacidade de produção. A alta dos preços acarreta altas de salários tanto mais rápidas quanto há escassez de mão-de-obra. Os custos de produção vêem-se por isso mesmo, aumentados e os produtores fazem que os aumentos de custos repercutam nos preços de venda, o que é tanto mais fácil quanto a procura excede a oferta nos mercados em situação de inflação. A alta de preços acarreta novas reivindicações de salários, que, satisfeitas, repercutirão imediatamente nos custos. Entramos assim numa "espiral inflacionária", onde se conjugam o efeito das procuras excedentes, e dos custos para fazer pressão sobre os preços.

As exportações dos países onde a alta dos preços é mais rápida são desfavorecidas, e as importações estimuladas, não somente porque os preços estrangeiros são relativamente menos elevados mas também porque a oferta interna não basta, de período em período, a satisfazer a totalidade da procura. Nos anos de 1955-1956, as demoras de entrega, demasiado longas, eram um fator desfavorável nos mercados externos. Foi por isso que os governos, algumas vezes, frearam a procura interna a fim de liberar recursos para a exportação. Mas é importante sublinhar que a expansão inflacionária significa a utilização, em sua plena capacidade, dos recursos da economia nacional. O ritmo do crescimento é sempre mais rápido em período de inflação do que em período de equilíbrio: um dos objetivos principais da política econômica consiste em assegurar uma taxa máxima de crescimento compatível com uma relativa estabilidade dos preços e com o equilíbrio externo. Essas tendências inflacionárias persistentes tendem a provar que a procura global foi, muitas vezes, excedente em relação às capacidades de produção e que, por isso mesmo, ela se constituiu numa causa principal de crescimento rápido.

3.º A procura global compreende as despesas de consumo e o investimento. Nos anos que se seguiram à guerra, inúmeras ra-

zões podem explicar o aumento das despesas. Os estoques de bens de consumo duráveis devem ser reconstituídos e a poupança forçada, acumulada durante a guerra, pode ser empregada, em parte, no financiamento das despesas. As ocasiões de investimento estão ligadas à necessidade de reconstruir os meios de produção destruídos pela guerra. As vias de comunicação, as fábricas, o capital imobiliário, que puderam escapar aos bombardeios, encontram-se, não raro, em mau estado por falta de manutenção, ou atingidos pela obsolescência em consequência dos progressos técnicos realizados durante a guerra. Reconstruir não é simplesmente refazer o que foi destruído, voltar às antigas estruturas, mas "apostar em estruturas novas" segundo a expressão de François Perroux. O primeiro plano francês de "Reconstrução e de Equipamento", pôsto em prática em 1946 pelo Sr. Jean Monnet, visava a reconstruir, modernizando-os, os meios de produção da economia francesa. Tal empreendimento mobiliza os recursos durante inúmeros anos e, em 1950, os efeitos da reconstrução estavam longe de se ter esgotado.

O progresso técnico, considerável, favoreceu as despesas de investimento. Na indústria química e na indústria da eletrônica as ocasiões de investir multiplicaram-se. O aumento do número de produtos sintéticos abriu o caminho da inovação em todos os domínios, mas sobretudo no dos bens manufaturados e na construção. A eletrônica permitiu o acesso a um campo ainda mais vasto, em que a automatização dos processos de produção revolucionou as técnicas industriais. Atualmente não se pode senão entrever as perspectivas de novas produções resultantes da conquista do espaço, em que os produtos novos e a eletrônica constituem os fundamentos de todo o progresso.

O desenvolvimento da energia atômica para fins pacíficos ou militares é outro domínio em que a inovação e o investimento públicos arrastam a inovação e o investimento privados. Temos de reportar-nos aos trabalhos de François Perroux relativos às indústrias "modernas" e às indústrias "inteiramente novas" para compreender-lhes a importância na atividade econômica e na propagação do progresso⁽²⁵³⁾. A indústria produtora de uma energia inteiramente nova é uma "indústria piloto no sentido preciso de que, antes de integrar-se na economia industrial por efeitos maciços e regulares de complementações e substituições, exerce sobre as indústrias modernas inúmeras efeitos de encadeamento.

(253). François PERROUX, *Les techniques quantitatives de la planification*, cap. VI, Presses Universitaires de France, 1965.

Para obter a energia inteiramente nova, traça-se um programa de interesse geral. Sabem os poderes que a indústria tódia se dirige para uma espécie de mutação; êles tentam prevê-la e organizá-la... Um projeto de interesse geral é, por conseguinte, o motor de inovações ligadas. E nessas condições que a indústria inteiramente nova induz inovações como cliente, na direção de seus *inputs* (extração de matérias físseis, materiais e aparelhos nucleares) e como vendedora (isótopos radioativos utilizados pela indústria do petróleo e da química). A dimensão dos fluxos dessas compras e vendas é menos decisiva que a elevação do nível técnico das indústrias. As inovações induzidas particulares e seus inúmeros efeitos de junção são acompanhados de uma estimulação do espírito de inovação⁽²⁵⁴⁾.

A nova "revolução industrial", que o mundo conhece desde o fim da Segunda Guerra Mundial, cria ocasiões de investimento ilimitadas e os países que mais investem são os que, por via de regra, são beneficiados pelo maior crescimento.

De 1950 a 1960, a Alemanha Ocidental investiu, em média, por ano, 24% de seu produto nacional bruto. O primeiro lugar pertence, entretanto, à Noruega com 26,4%, o segundo lugar ao Canadá com 24,8%, o terceiro lugar aos Países-Baixos com 24,2%. A Bélgica investiu, durante o mesmo período, apenas 16,5% de seu produto nacional bruto e a Grã-Bretanha, 15,4%. É a cifra menos elevada dos países ocidentais industrializados. Parece, portanto, que os países que tiveram o crescimento maior investiram mais do que aquêles que tiveram um crescimento menos rápido. No entanto, só à primeira vista é possível chegar-se a essa conclusão. Cumpre, na realidade, para aprofundar a análise, tomar em consideração a intensidade de capital incorporado no investimento. Houve aumento do capital *per capita*, ou simplesmente extensão do capital proporcionalmente à extensão da oferta de trabalho? Qual foi a parte representada pelo progresso técnico? Não será possível responder aqui, pormenorizadamente, a êsse gênero de pergunta. Notaremos, contudo, que a relação entre a parte do investimento e a taxa de crescimento foi mais fraca nos países de crescimento forte do que nos outros. Nestes últimos, houve necessidade de investir mais do que nos primeiros a fim de se obter uma unidade suplementar de produto. Tais diferenças não dependem somente dos diversos graus de inovação técnica senão também da natureza dos investimentos, sobretudo da parte dos investimentos da infra-estrutura, não imediatamente

(254) François PERROUX, *Les techniques quantitatives de la planification*, op. cit., p. 137 e 138.

produtivos: habitações, estabelecimentos hospitalares, estabelecimentos escolares, estradas etc. O aumento do produto é tanto mais importante quanto maior fôr a parte do investimento produtivo.

QUADRO XI

	Investimento em % do produto nacional bruto	Coefficiente marginal de capital (a)	Taxa de crescimento médio anual 1950-1960
	Médias anuais de 1950 a 1960		
Bélgica	16,5	5,7	2,5
Dinamarca	18,1	5,5	5
França	19,1	4,3	4,2
Alemanha	24	3,2	5,9
Itália	20,8	3,5	6,7
Países-Baixos ...	24,2	5	3,9
Noruega	26,4	7,5	3,4
Suécia	21,3	6,5	4
Grã-Bretanha ...	15,4	5,9	2,1
Canadá	24,8	6,4	1,8
Estados Unidos ...	19,1	5,8	2,3

Fonte: A. MADDISON, *Economic growth in the West*, p. 76 e 77.

(a) Relação entre a taxa de investimento, expressa em percentagem do P. N. B., e a taxa de crescimento da produção total.

As despesas de consumo aumentaram e continuam aumentando desde o fim da guerra. Reconstituídos os estoques, multiplicaram-se os novos bens de consumo duráveis. Estes atraíram facilmente a atenção dos consumidores nas sociedades capitalistas em que a publicidade agressiva constitui forma particular da ação psicológica. O automóvel, o rádio e a televisão, os aparelhos eletrodomésticos oferecem campos ilimitados ao apetite dos compradores, aumentado ainda pelos múltiplos efeitos de imitação, que incitam cada consumidor a equipar-se, pelo menos, tão bem quanto o vizinho. As facilidades de crédito oferecidas pelos vendedores ou pelos bancos ajudam a satisfazer essas necessidades e contribuem para elevar as despesas de consumo. As sociedades industriais são "sociedades de abundância", em que os desejos e necessidades se antecipam constantemente às capacidades de produção. Com isso se modifica o comportamento dos consumidores, e êstes já não reagem normalmente às variações de preços. Antecipam de boa mente as altas, que os incitam a acelerar as despesas. A França é um dos países em que êsse tipo de comportamento pôde favorecer o crescimento, mas também o aparecimento e o desenvolvimento de tensões inflacionárias.

4.º O aumento da população é outra causa de aumento da procura global, não só do lado do consumo mas também do lado do investimento. Observamos no início desta obra, a importância da pressão demográfica no desenvolvimento industrial. Uma população que cresce, introduz elementos dinâmicos de rejuvenescimento das estruturas mentais e suscita investimentos de infra-estrutura consideráveis no domínio da habitação e no domínio escolar. Instruir e educar gerações de jovens cada vez mais numerosas é garantir-se contra o desemprego, ao contrário do que se poderia acreditar *a priori*. A revolução urbana que conhecemos resulta do progresso técnico mas é, em parte, consequência dos efeitos da escolarização crescente e da construção de habitações. Essas necessidades — portanto, essa procura de investimentos públicos e privados — seriam muito menos importantes se a população total não aumentasse.

Nas sociedades industriais submetidas à pressão demográfica, ao progresso rápido da técnica, à ação e à previsão dos poderes públicos, é difícil não se obterem resultados relativamente satisfatórios em termos de crescimento e desenvolvimento. Se levarmos em conta, finalmente, as despesas militares e a ajuda externa — por mais fraca que seja — aos países pobres, chegaremos a fazer uma lista impressionante dos fatores contemporâneos de crescimento e desenvolvimento. E ainda assim cumpre frisar, concluindo, que essa lista não esgota o assunto.

BIBLIOGRAFIA

Três obras fundamentais foram publicadas sobre o crescimento econômico dos países ocidentais:

Angus MADDISON, *Economic growth in the West; comparative experience in Europe and North America*, Londres, Allen and Unwin, 1964.

O. N. U., *Étude sur la situation économique de l'Europe em 1961*. O volume II é consagrado ao estudo dos *Facteurs de la croissance économique en Europe (1949-1959)*, Genebra, 1961.

O conjunto dos relatórios anuais da O. N. U. sobre a situação econômica da Europa; os relatórios anuais da O. E. C. E. e também da O. C. D. E. constituem verdadeira mina de informações.

O Twentieth Century Fund de Nova Iorque publicou, em 1961, verdadeira súpula: *Europe's Needs and Resources*, Macmillan, 1961.

Número excelente de *Études et Conjoncture* n.º 11, de novembro de 1958, foi publicado sobre crescimentos. Nêle se encara a "evolução histórica" e a "situação recente e próxima" no plano mundial.

Paul A. SAMUELSON, *Stability and growth in the American Economy*, Wicksell Lectures, 1962.

J. MARCZEWSKI, *La conjoncture économique des Etats-Unis (1950-1960)*, Cahiers de P. I. S. E. A., n.º 117, setembro de 1961.

— *L'Europe dans la conjoncture mondiale*, 3 vol., Cahiers de P. I. S. E. A., n.º 137, maio de 1963.

A. LAMPALUSSY, *The United Kingdom and the Six. An Essay on Economic growth in western Europe*, Londres, Macmillan, 1963.

Pierre DROUIN, *L'Europe du Marché Commum*, Paris, Julliard, 1963. Essa obra diz respeito, ao mesmo tempo, à economia francesa e à economia européia.